

CONFERÊNCIA

ARQUITETURA RELIGIOSA COLONIAL DO BRASIL (*).

Ao atender a gentil convite de D. Lúcia Falkenberg, dinâmica presidente do Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga, para participar do nôvo curso sob o patrocínio do sodalício em aprêço, dedicado ao estudo da arquitetura antiga do Brasil, e ao receber a designação do tema que deveria desenvolver — arquitetura religiosa colonial —, objetei-lhe, logo de início, ser vasto demais o assunto para caber no âmbito de uma simples palestra. Deixou-me, então, a ilustre organizadora à vontade, permitindo restringir a explanação aos limites que julgasse convenientes para não fatigar em demasia o auditório.

Matéria que poderia ser objeto de todo um curso, a arquitetura religiosa antiga do Brasil apresenta pontos altíssimos de sua evolução em duas regiões brasileiras que tive ensejo de estudar pormenorizadamente em dois volumosos documentários iconográficos: Bahia e Minas Gerais. Resolvi, pois, usando da faculdade que me foi concedida, tratar apenas das construções religiosas erguidas no perímetro da Cidade do Salvador e adjacências e nas alterosas montanhas do ciclo setecentista do ouro, a saber: Ouro Prêto, Mariana, Sabará, São João del-Rei, Tiradentes e Congonhas do Campo.

*

OS TEMPLOS DA CIDADE DO SALVADOR

Robert C. Smith, no ensaio escrito como contribuição para o estudo da arquitetura colonial na Bahia, parte integrante do Vol. IV da “Evolução Histórica da Cidade do Salvador” (1), intitulado “As Artes na Bahia”, saído do prelo em 1954, divide

(*) — Suma da conferência pronunciada em 22 de outubro de 1964, no curso de Arquitetura Antiga do Brasil, promovido em São Paulo pelo Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga.

(1). — Coletânea de ensaios, promovida pela Prefeitura Municipal, para comemorar o quarto centenário da fundação da Cidade do Salvador, transcrito no ano de 1949.

em três períodos estilísticos bem delimitados o desenvolvimento das construções religiosas católicas na primitiva metrópole brasileira, a saber:

1.º Período (1549 — cêrca de 1655). Iniciado com modestas edificações de madeira e barro, cobertas de colmo, as chamadas “igrejas de palha”, de fácil deterioração, logo se passou ao emprêgo de material mais duradouro, “pedra e cal” denominado, com coberturas de telhas fabricadas *in loco*. As igrejas assim construídas compunham-se, via de regra, de uma só nave, **retangular, com um retângulo menor em projeção formando a capela-mor**, e um quarto lateral a servir de sacristia. Caiadas por dentro e por fora, sem fôrro as mais das vêzes. **Estilo missionário** foi a designação proposta por Smith para as edificações dessa quadra. A igreja de São Lázaro, construída num arrabalde soteropolitano, para atender aos leprosos, ilustra tipicamente essa época.

2.º Período (cêrca de 1655 — cêrca de 1760). Coincidindo com a época de máximo esplendor, êsse período, chamado de **estilo monumental** pelo emérito mestre norte-americano, abrange aproximadamente um século, durante o qual se ergueram os maiores monumentos baianos, ainda hoje de pé, a causarem pasmo pela profusão de ricos labores nêles contidos. A característica essencial de semelhantes edificações é ainda a presença de uma grande nave central retangular, conjugada com capelas laterais intercomunicantes, completado o conjunto com uma nave menor, também retangular, servindo de capela-mor. Essa disposição, cujo padrão é a majestosa igreja do Antigo Colégio dos Jesuítas, hoje Catedral-Basílica, construída entre 1657 e 1672, foi a seguida pelas suntuosas igrejas dos famosos Convento de Santa Tereza (dos carmelitas descalços, também chamados terésios), edificado no último quartel do século XVII e inaugurado em 15 de outubro de 1697 (2), Convento de São Francisco de Assis (1708-1723), e Mosteiro de São Bento (3),

(2). — Atualmente transformado em Museu de Arte Sacra da Bahia, inteiramente restaurado e integrado na Universidade da Bahia, por iniciativa do saudoso Prof. Edgard Santos, então Magnífico Reitor, cuja inauguração ocorreu em 1959, por ocasião do 4.º Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, realizado na Cidade do Salvador.

(3). — A planta da igreja do Mosteiro de São Bento, traçada pelo monge-arquiteto Fr. Macário de São João, bem como a de Santa Teresa, que Dom Clemente Silva Maria, O.S.B., atribui ao mesmo artista, inspiraram-se ambas evidentemente na da célebre igreja portuguesa de São Vicente de Fora, sendo as únicas igrejas baianas a disporem de cúpulas (em Santa Tereza, de proporções mais modestas, praticamente uma lanterna). Teve início a igreja monumental de São Bento (a 5a. dedicada a São Sebastião na Bahia) em 1680.

bem como pela esplêndida Matriz da Conceição da Praia (1739-1773).

3.º Período (cêrca de 1760 a 1820). **Mundano** foi o têrmo aplicado por Smith ao estilo da fase colonial compreendida aproximadamente entre a data em que a Cidade do Salvador deixou de ser a capital do Brasil (1763) e o advento da Independência (1822). Perderam as igrejas edificadas nessa quadra a grandiosidade das do período anterior, restringindo-se a planta de quase tôdas elas a uma nave maior retangular, dispondo apenas de **nichos laterais** em lugar de **capelas**, nos quais se imbutem os altares, e de uma nave menor, retangular, correspondente à capela-mor. Típicas dessa fase são as igrejas do Senhor do Bomfim e da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, ornamentadas ricamente com finos labores de arte.

A Catedral-Basilica atual pode-se, pois, considerár modêlo adotado na Bahia pelos mais notáveis monumentos que se vieram a edificar posteriormente a ela. Traçado no severo estilo arquitetônico que se convencionou chamar de **jesuítico** (4), por ser o seguido via de regra pela Companhia de Jesus para as igrejas de seus inúmeros colégios, caracteriza-se o templo em aprêço sobretudo pelo equilíbrio da ornamentação interior, que, embora riquíssima, não choca pela profusão excessiva, o que se não dá com o estilo que se lhe seguiu, o **barroco português**, caracterizado pelo exagêro de ornatos, como se nota na cintilante igreja dos franciscanos, o qual, por sua vez, foi substituído, no último período, pelo rebuscado estilo rococó (D. José I).

Os materiais utilizados em tais edificações foram os mais diversos, conforme os períodos retro-mencionados. Predominou, na primeira fase, a fábrica de alvenaria revestida de argamassa caiada, com telhados sem fôrro. Já no segundo período importaram-se do Reino requintadas obras de arte em **pedra de lioz** e cerâmica (azulejos) mono e policroma, a fim de em-

(4). — As plantas da igreja e colégio definitivos foram traçadas pelo Irmão Francisco Dias, célebre arquiteto jesuíta português, enviado para o Brasil em 1577, a fim de orientar as edificações inicianas em nosso meio. Colaborador de Terzi nos planos finais da construção da igreja jesuítica de São Roque, em Lisboa, inspirou-se nesta última para esboçar a futura e monumental igreja baiana, edificada muito depois de sua morte. Perito nas artes de pedreiro e carpinteiro, superintendendo-lhes as construções, projetou, outrossim, as igrejas dos colégios de Olinda, Rio de Janeiro e Santos, hoje desaparecidas, à exceção da primeira (Nossa Senhora das Graças). Dias viveu 95 anos, dos quais 56 passados no Brasil, falecendo em 1.º de janeiro de 1633, tendo exercido, além das funções de arquiteto, as de piloto-navegador nas costas brasileiras, sendo emérito em ambas as profissões (apud Serafim Leite — "Artes e Offícios dos Jesuítas no Brasil", Lisboa-Rio de Janeiro, 1953, págs. 158-160).

beleza interior e exteriormente os templos. A sempre citada Catedral-Basílica e a Conceição da Praia ostentam-se ainda agora totalmente revestidas por dentro e nas fachadas principais daquele esplêndido mármore de côr creme dos arredores de Lisboa, trazido em blocos pré-fabricados como lastro dos navios e montados por artistas especializados. Outra jóia arquitetônica digna de menção dessa florescente quadra é a fachada da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, trabalhada em estilo **plateresco**, com arenito brasileiro, segundo o risco do grande mestre arquiteto Gabriel Ribeiro (5).

Três sacristias soteropolitanas avantajaram-se às demais em profusão de riquezas e belezas: a da Catedral-Basílica, a da igreja do Convento do Carmo e a da igreja do Convento de São Francisco de Assis. No interior de cada uma delas não se sabe o que mais admirar: se a riqueza dos materiais empregados (mármore policromos, azulejos, madeiras de lei esculpidas, ao natural ou revestidas de ouro, metais cinzelados, incrustações de marfim e tartaruga, etc.), se os primores de artes plásticas nelas encerrados (pinturas e esculturas).

*

ARQUITETURA RELIGIOSA COLONIAL MINEIRA.

O descobrimento de ouro nos leitos dos rios defluentes da Serra do Espinhaço, feito em fins do século XVII pelos aventureiros paulistas e taubateanos que pervagavam o sertão dos Cataguazes, caçando índios, encaminhou para a região que veio a constituir tempos adiante a Capitania das Minas Gerais, tôda a sorte de indivíduos ávidos de riqueza fácil. De permeio com os garimpeiros seguiram igualmente para lá padres e frades, tangidos pela mesma ânsia. E, dessa forma, a Cruz de Cristo implantou-se sólidamente entre as alterosas montanhas.

(5). — Esse maravilhoso rendilhado de pedra esteve, criminosamente, oculto durante mais de um século por dezenas, quiçá centenas, de demãos de cal, aplicadas quase anualmente, segundo apurou Marieta Alves, ao pesquisa os arquivos competentes. No ano de 1932, por mero acaso, o Eng. Oscar Carrascoza, contratado para realizar a iluminação elétrica dessa fachada, descobriu que, abaixo de espessa camada de cal, havia pedra cinzelada do mais belo efeito. Chamado o Prof. Pirajá da Silva a opinar sobre o caso, este aconselhou-o a remover a cal apenas com vassoura de piaçava e água, sem emprêgo de ácidos, retirando-se desse modo muitas barricas de induto indesejável e restaurando-se a formosa escultura setecentista. O mesmo fato aconteceu posteriormente com o frontão da bela igreja do Convento ao lado, do qual a D. P. H. A. N. conseguiu restabelecer a pureza primitiva, eliminando as camadas de cal que encobriam o arenito trabalhado.

Modestas capelinhas, feitas de pau-a-pique, toscas por dentro e por fora, ergueram-se de início nos diferentes pontos que mais tarde se transformaram em arraiais, e, posteriormente, em vilas e cidades, opulentadas pela riqueza circulante. Vila Rica de Ouro Prêto (1711), Vila do Carmo (1711), elevada à categoria de cidade em 1745 com o nome de Mariana, em homenagem à rainha reinante em Portugal, Vila da Conceição do Sabará (1711), Vila de São João del-Rei (1713), Vila de São José do Rio das Mortes (1718), posteriormente cidade de Tiradentes, constituíram os mais importantes núcleos de povoamento da região mineira.

Bem depressa os novos ricos, graças a achados surpreendentes de filões de ouro, entraram a doar importantes somas para se construírem templos de consistência duradoura, ornamentados com lindos primores artísticos. Atraídos pelo ganho mais compensador, partiram para lá arquitetos e mestres de obra portugueses já radicados no Brasil ou recém-chegados do Reino.

Criadas as primeiras paróquias, no quartel inicial do século XVIII, logo se tratou de edificar matrizes condignas que lhes servissem de sede. Dessa maneira surgiram: a Matriz de Nossa Senhora do Pilar do Fundo de Ouro Prêto e a Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, ambas integrantes hoje da cidade de Ouro Prêto; a Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, a Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei, a Matriz de Santo Antônio de São José do Rio das Mortes, a Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Caeté, etc.

Vasadas tôdas elas ao gôsto lusitano da época, sobrecarregadas de ornatos em que o ouro faiscava por todos os lados, tais matrizes vieram a ser sobrepujadas, na segunda metade setecentista, pelas capelas edificadas por irmandades religiosas autônomas, ligadas a ordens regulares (franciscanas e carmelitas sobretudo).

O aparecimento de um artista brasileiro de méritos excepcionais, **doublé** de escultor e arquiteto, trouxe para semelhantes capelas individualidade própria, libertando-as dos padrões clássicos já estabelecidos. Quero referir-me a Antônio Francisco Lisboa, o célebre Aleijadinho de Vila Rica, que, chamado a colaborar artisticamente em plantas e riscos de semelhantes obras, valeu-se essencialmente dum elemento plástico próprio da zona, a afamada **pedra-sabão** (esteatite), e nêle talhou as mais soberbas portadas existentes no Brasil. Outrossim, êsse

mesmo artista, bem como diversos outros que colaboraram com ele ou trabalharam lado a lado, traçou novos riscos para as capelas da Ordem Terceira de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora do Carmo, principalmente em Ouro Preto, Sabará e São João del-Rei, legando à posteridade magníficos templos obedientes ao estilo que se convencionou chamar de **barroco mineiro**, com características próprias inconfundíveis.

Mais tarde, emprestou o Aleijadinho sua colaboração à feitura de imagens em tamanho natural, de cedro e pedra-sabão, para integrar os conjuntos da Via-Sacra e do Adro da Capela do Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo, trabalho êsse que veio a constituir sua obra prima máxima.

A Capela do Bom Jesus de Congonhas, hoje elevada à categoria de Basílica Menor, representa um dos padrões mais altos a que atingiram as artes plásticas coloniais mineiras, ao lado dos não menos notáveis templos de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto, Mariana, Sabará e São João del-Rei.

*

* *

FONTES DE CONSULTA.

- (1). — **Edgard de Cerqueira Falcão** — “Relíquias da Bahia”, São Paulo, 1941.
- (2). — ——— “Encantos Tradicionais da Bahia”, São Paulo, 1943.
- (3). — ——— “Isto é a Bahia!”, São Paulo, 1954.
- (4). — ——— “Excertos de História da Bahia”, São Paulo, 1956.
- (5). — ——— “Relíquias da Terra do Ouro”, São Paulo, 1946.
- (6). — ——— “Nas Paragens do Aleijadinho”, São Paulo, 1955.
- (7). — ——— “A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo”, São Paulo, 1962.

Pequenos Guias das Igrejas da Bahia (17 vols., 1949-1962).

- (8). — **Affonso Ruy** — “Catedral Basílica” — Pub. n.º 1, Salvador, 1949.
- (9). — **Marieta Alves** — “Ordem 3.a de São Francisco” — Pub. n.º 2, Salvador, 1949.
- (10). — ——— “Convento de São Francisco” — Pub. n.º 3, Salvador, 1949.
- (11). — **Affonso Ruy** — “Convento e Ordem 3a. do Carmo” — Pub. n.º 4, Salvador, 1949.
- (12). — **Marieta Alves** — “Convento do Destêrro” — Pub. n.º 5, Salvador, 1950.
- (13). — ——— “Ordem 3a. de São Domingos” — Pub. n.º 6, Salvador, 1950.
- (14). — **Affonso Ruy** — “A Igreja da Ajuda” — Pub. n.º 7, Salvador, 1950.

- (15). — ——— “Mont-Serrat” (o forte e a igreja) — Pub. n.º 8, Salvador, 1950.
- (16). — **Marieta Alves** — “Igreja do Pilar” — Pub. n.º 9, Salvador, 1951.
- (17). — ——— “Igreja do Bomfim” — Pub. n.º 10, Salvador, 1951.
- (18). — ——— “A Santa Casa de Misericórdia e sua igreja” — Pub. n.º 11, Salvador, 1952.
- (19). — ——— “Igreja do S. S. Sacramento e Santana” — Pub. n.º 12, Salvador, 1952.
- (20). — ——— “Convento da Lapa” — Pub. n.º 13, Salvador, 1953.
- (21). — **Affonso Ruy** — “Igreja da Graça” — Pub. n.º 14, Salvador, 1953.
- (22). — **Marieta Alves** — “Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia” — Pub. n.º 15, Salvador, 1954.
- (23). — ——— “Igreja de Nossa Senhora da Saúde e Glória” — Pub. n.º 16, Salvador, 1961.
- (24). — **Maria José Roberto de Freitas** — “Igreja de Santa Teresa” — Pub. n.º 17, Salvador, 1962.
- (25). — **G. Oscar Campiglia** — “Igrejas do Brasil”, São Paulo, s. d. (Magnífico apanhado das principais igrejas de todo o Brasil, o mais completo que já se produziu no gênero em nosso meio, com belíssimas ilustrações e texto referto de notas eruditas interessantíssimas).
- (26). — **Robert C. Smith** — “As Artes na Bahia”, Salvador, 1954.
- (26a). — ——— “Arquitetura Colonial Bahiana”, Salvador, 1951.
- (27). — **Pe. Serafim Leite, S. J.** — “História da Companhia de Jesus no Brasil” — Vol. I, Lisboa, 1938.
- (28). — ——— Idem, idem, vol. V, Rio de Janeiro, 1945.
- (29). — ——— “Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil”, Lisboa-Rio de Janeiro, 1953.
- (30). — **Lúcio Costa** — “A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil” — in “Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”, n.º 5, Rio de Janeiro, 1941.
- (31). — **F. Guerra Duval** — “Álbum das Curiosidades Artísticas da Bahia”, Rio de Janeiro, 1928.
- (32). — **Fr. Pedro Sinzig, O.F.M.** — “Maravilhas da Religião e da Arte na Igreja e no Convento de São Francisco da Bahia”, Rio de Janeiro, 1934.
- (33). — **Manuel Mesquita dos Santos** — “A Sé Primacial do Brasil”, Bahia, 1933.
- (34). — “Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade do Salvador”, Bahia, 1945.
- (35). — **Marieta Alves** — “História da Venerável Ordem 3a. da Penitência do Seráfico Pe. São Francisco da Congregação da Bahia”, Bahia, 1948.
- (36). — **Paulo F. Santos** — “A Arquitetura Religiosa em Ouro Preto”, Rio de Janeiro, 1951.
- (37). — ——— “O Barroco e o Jesuítico na Arquitetura do Brasil”, Rio de Janeiro, 1951.

- (38). — **Cônego Raimundo Trindade** — “Arquidiocese de Mariana”, 3 vols., São Paulo, 1928-1929.
- (39). — ——— “Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana”, Pub. n.º 13 da D.P.H.A.N., Rio de Janeiro, 1945.
- (40). — ——— “São Francisco de Assis de Ouro Prêto”, Pub. n.º 17 da D.P.H.A.N., Rio de Janeiro, 1951.
- (41). — ——— “Breve Notícia dos Seminários de Mariana”, São Paulo, 1953.
- (42). — **Zoroastro Passos** — “Em tôrno da História do Sabará”, Pub. n.º 5 da D.P.H.A.N., Rio de Janeiro, 1940.
- (43). — ——— Idem, idem, 2.º vol., Belo Horizonte, 1942.
- (44). — ——— “Aleijadinho Pintor?”, Belo Horizonte, 1941.
- (45). — **Augusto Viegas** — “Notícia de São João del Rei”, Belo Horizonte, 1942.
- (46). — **Francisco Antônio Lopes** — “História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Prêto”, Pub. n.º 8 da D.P.H.A.N., Rio de Janeiro, 1942.
- (47). — **Manuel Bandeira** — “Guia de Ouro Prêto”, Pub. n.º 2 da D.P.H.A.N., Rio de Janeiro, 1938.
- (48). — **Carlos Del Negro** — “Contribuição ao estudo da pintura mineira”, Pub. n.º 20 da D.P.H.A.N., Rio de Janeiro, 1958.
- (49). — **Anibal Machado** — “Monumentos Históricos, Artísticos e Religiosos de Minas Gerais”, Belo Horizonte, 1935.
- (50). — **Diogo de Vasconcelos** — “História da Civilização Mineira — O Bispado de Mariana”, Belo Horizonte, 1935.
- (51). — ——— “A Arte em Ouro Prêto”, Belo Horizonte, 1934.
- (52). — **Salomão de Vasconcelos** — “Mariana e seus templos”, Belo Horizonte, 1938.
- (53). — ——— “Breviário Histórico e Turístico da Cidade de Mariana”, Belo Horizonte, 1947.
- (54). — **Dutra de Moraes** — “História de Conceição do Mato Dentro”, Belo Horizonte, 1942.
- (55). — **Rodrigo Bretas** — “Antônio Francisco Lisboa”, Pub. n.º 15 da D.P.H.A.N., Rio de Janeiro, 1951.
- (56). — **R. A. Freudenfeld** — “Mestre Antônio Francisco”, São Paulo, s. d.
- (57). — ——— “Isto é Minas Colonial!”, São Paulo, s. d.
- (58). — **Pe. Heliodoro Pires** — “O Aleijadinho”, São Paulo, s. d.
- (59). — **Germain Bazin** — “L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil”, 2 vols., Paris, 1956-1958.
- (60). — ——— “Aleijadinho”, Paris, 1963.
- (61). — **Juan Giuria** — “La riqueza arquitectonica de algunas ciudades del Brasil”, Montevideo, 1937.
- (62). — **Silvanísio Pinheiro** — “Azulejos do Convento de São Francisco da Bahia”, Salvador, 1951.

EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO

Da Sociedade de Estudos Históricos